

PALÁCIO DE SUCATA

Igor Germano
Da equipe do **Correio**

A poucos metros do Congresso Nacional ele construiu o seu palácio.

Uma casa muito engraçada, sem teto, sem nada. Feita com muito esmero, como no poema de Vinícius de Moraes. Placas, faixas, cartazes e pedregulhos viraram material de construção nas mãos de Mariano Laurentino dos Reis, 64 anos. Ele parece estar perdido em devaneios quixotescos: emociona-se ao receber visitas e imagina ser o dono de um castelo.

“Eu dormia pelo chão, nas praças e viadutos”, conta Mariano. “Mas fiquei com medo de ser queimado. Por isso, construí essa casinha”, explica. A morte do índio pataxó Gal-

dino, confundido com um mendigo e queimado enquanto dormia numa parada de ônibus, fez Mariano buscar refúgio perto da Esplanada dos Ministérios.

Empurrando um carrinho de supermercado, ele anda pelas redondezas catando papéis, latas de alumínio e garrafas para vender, e todo tipo de bugigangas para enfeitar a casa. Dorme ao relento sobre um colchão surrado esticado sob a copa de uma mangueira. O cobertor é uma faixa de pano, abandonada em uma das manifestações em frente do Congresso e prontamente recolhida para servir de roupa de cama.

A inscrição na faixa que o protege do frio e da poeira — “Modernizar o País a partir dos Excluídos” — assume ares de ironia diante da realidade em que ele vive. “Acho o governo bom porque a gente está em paz”, analisa. “Mas o presidente nunca foi perseguidor de algo. A gente, que não tem nada, é algo. Logo, se ele não dá nada pra gente, ele não é perseguidor.”

TORRE DE UM CASTELO

A lógica um pouco confusa de Mariano pode ser um indício de que lhe falta um parafuso na cabeça. Mas, apesar de viver na mais completa miséria e aparentar sofrer problemas mentais, ele parece não ter perdido completamente o contato com a realidade. “Minha casa fica entre a *Percuradoria Geral* e o *Tribunal Federal*”, repete várias vezes para mostrar

Wanderlei Pozzembom



Há 12 anos em Brasília Laurentino, 64 anos, chega ao seu “palácio” com novo carregamento de “tijolos e telhas”

que sabe onde está pisando.

De longe, o que mais chama a atenção na casa é uma guarita de segurança, que se destaca na paisagem como a torre de um castelo de sucata. Há placas do Detran espalhadas por todos os cantos, sobras de construções, cadeiras velhas jogadas e moscas voando sobre o lixo espalhado pelo chão.

“A guarita é um presente de um mestre-de-obra que trabalhava no Palácio do Buriti”, garante. Entre as placas que indicam, entre outras coisas, uma imaginária “Saída de Emergência” e “Obras a 400 metros”, uma foi fixada por uma razão prática: evitar chateações.

“Muita gente passa por aqui perguntando onde fica a entrada para os

ministérios. Para não ter que ficar respondendo sempre a mesma pergunta, resolvi pregar essa placa (“Acesso aos Anexos”, indicado por uma seta) na porta de casa”, explica.

Ele inventou um *jardim* que cerca toda a moradia. Plantou uma banana e um abacateiro, cebola, coentro, cana-de-açúcar, alface e outras verduras e legumes. “Eu acho bonito

o mato verde. Onde tem mato, tem vida. Rego as plantas todos os dias às quatro horas da manhã.”

CABEÇA RACHADA

Mariano conta que está há 12 anos em Brasília. Quando morava no interior do Piauí, em São José do Divino, município de Piracuruca, sofreu um acidente de trabalho. “Recebi uma descarga elétrica de um transformador de 230 KW e caí de uma altura de oito metros em cima de um tambor de ferro”, relembrava.

“Rachei a cabeça, quebrei as mãos, os dois pés, os dois joelhos, uma clavícula e cinco juntas.” E a cabeça, como ficou? “Assim, assim”, responde circulando o polegar ao redor da orelha. Ele afirma que continua sendo medicado: toma Gardenal e Diasepan, remédios de uso controlado.

“Depois do acidente, fui transferido para hospitais no Rio de Janeiro e em Belo Horizonte, até que me mandaram para Brasília. O tratamento durou oito anos e minha mulher me deixou. Meus dois filhos são maratonistas. Um mora em Curitiba (José Marco da Silva Reis) e outro mora em São Paulo (Felipe José dos Reis).

Questionado sobre a situação em que vive, ele responde sem pestanejar: “Eu adoro morar aqui”. Na despedida, faz um pequeno discurso, oferece um aperto de mão seco e resume, numa frase, sua filosofia de vida: “Eu amo a Deus e estimo o meu terreno. Obrigado pela visita”.